# INÊS DE CASTRO, A RAINHA PÓSTUMA: a permanência do mito - uma análise semiótica

Hérika FERNANDES

## 1 INTRODUÇÃO

Ao darmos início os estudos sobre o mito de Inês de Castro, percebemos a incompatibilidade da explicação simbólica sobrenatural como base teórica para um fato histórico que se tornou mito ao longo dos séculos. Qual a força propulsora que mitifica fatos históricos? Quais os fenômenos e condições de funcionamento que propulsionaram a história de amor de D. Pedro I e Inês de Castro a atravessar os séculos e ser interpretado como um mito?

Para resolver essa angústia teórica, buscamos em Roland Barthes a perspectiva semiótica de mito, referencial para nosso artigo. Conceituando mito como uma fala, uma constituição comunicativa, e tendo como alicerce elementos históricos e condições de funcionamento, Barthes (1970) elabora um sistema de valor mítico em que a narrativa histórica será o ponto de partida para a mitificação de um tema.

Como entende mito como uma narrativa de uma história verdadeira, ocorrida em tempos idos e que sofreu transformações, Barthes (1970) edifica sua teoria afirmando que, para se construir um mito, é necessário que primeiro haja registros históricos de um fato e, segundo, condições de funcionamento propícias para a mitificação desse fato.

Barthes (1970), então, teoriza: mito é um sistema semiótico composto por dois sistemas em que o primeiro é composto pelo registro histórico, o que chama de "sistema linguístico"; o segundo, que se desloca em relação ao primeiro, é o que chama de "sistema mítico".

Neste artigo, utilizaremos, como o primeiro sistema, o sistema linguístico, *Crônica de D. Pedro I*, por Fernão Lopes, escrita no séc. XV a pedido do então rei de Portugal, D. Duarte. As crônicas de Fernão Lopes foram escritas a partir de documentos

e escrituras do reino português, por isso são consideradas, apesar de seu caráter literário, como um documento histórico, afinal Lopes organizou em ordem cronológica os fatos históricos da Dinastia de Borgonha; e, como segundo sistema, o sistema mítico, aquele que se baseará no primeiro para justificar a permanência do mito de Inês como a rainha póstuma. Analisaremos o conto *Teorema*, do contemporâneo Herberto Helder, mostrando como a criação literária se apropriou do discurso histórico, ficcionando-o e eternizando o mito de Inês.

## 2 MITO: uma perspectiva semiótica

### 2.1 O mito é uma fala

Roland Barthes, famoso crítico literário, lança em 1957 seu segundo livro, *Mitologias*, no qual estabelece uma teoria mítica baseada na semiologia. Para o autor, mito é uma fala, uma constituição comunicativa e, para que se sustente, são necessários elementos históricos e condições de funcionamento, criando dessa forma um sistema de valor.

Essa fase de Barthes, que podemos considerar estruturalista, parte da principal dicotomia saussuriana: a associação do signo linguístico em significante e significado para edificar o mito como um sistema semiológico. Segundo Barthes, tudo o que pode ser expresso pela linguagem pode ser mito. Entendemos por linguagem toda a unidade síntese significativa quer seja verbal, quer visual.

Não entraremos nesse trabalho no mérito da linguagem visual, entenderemos a teoria do mito barthiana apenas pela perspectiva da síntese significativa verbal escrita ou imagem gráfica.

Aproximando a teoria mítica de Barthes da literatura, podemos concluir que mito é uma narrativa de uma história verdadeira, ocorrida em tempos passados e que sofreu transformações. O mito, antes de ser narrado, é sentido e vivido.

## 2.2 O mito como sistema semiótico

Sem nos aprofundarmos nos conceitos, definimos semiótica como a ciência que estuda a relação entre os signos, linguísticos ou não, e seus significados. Contidos nessa ciência, estão os conceitos de significante, significado e signo. Segundo Ferdinand de Saussure, o significante é uma imagem acústica ou gráfica do conceito e o significado corresponde a esse conceito. O signo é o total associativo dos dois.

Não podemos entender a linguagem com uma análise fragmentada quando se trata de sistema semiótico, é necessário, portanto, apreender a correlação que os une. Partindo do princípio de que mito é uma narrativa de uma história verdadeira, ocorrida em tempos passados e que sofreu transformações, podemos concluir que, para a construção do mito, é necessário que primeiro haja um registro cunhado por elementos históricos de um fato, segundo condições de funcionamento propícias para a transformação desses fatos em mito.

Pensando nessa perspectiva, Barthes idealiza sua teoria mítica: mito é um sistema semiótico composto por dois sistemas, o primeiro pelo registro histórico é o sistema linguístico, e o segundo, partindo do primeiro, é o sistema mítico. O segundo se deslocará em relação ao primeiro. Não haverá mito se não houver uma matéria-prima, se não houver uma fala ou discurso inicial.

O primeiro sistema semiológico, o linguístico, é composto por seus elementos já conhecidos: significante (imagem acústica), significado (o conceito) e signo (a relação associativa dos outros dois). Da mesma maneira, o sistema mítico também é composto por esse esquema saussuriano significante-significado-signo, porém o mito é um sistema particular, que se apropria da relação associativa, o signo, do primeiro sistema semiótico para transformá-lo em significante dentro de sua estrutura mítica e preenchê-lo com uma nova significação, que será o próprio mito.

No primeiro, a língua chega a um signo e, no segundo, o próprio mito usa esse signo como significante e constitui um novo signo. A partir deste esquema e das explicações teóricas de Barthes em *Mitologias*, elaboramos um diagrama para a investigação da obra em análise (ver DIAGRAMA I).

Podemos verificar que, para a edificação do mito, são necessários dois sistemas semióticos, movendo um em direção ao outro: um sistema linguístico, a língua

usada para descrever os fatos históricos, que em nosso artigo será representado pela imagem gráfica, ou seja, a escrita de fatos narrados na *Crônica de D. Pedro I,* por Fernão Lopes, que será a linguagem de que o mito de Inês de Castro se servirá para construir seu próprio sistema. Consideramos, portanto, mito como pura metalinguagem, uma vez que é a linguagem se servindo da própria linguagem para se manter, ou mais para se fazer mais diretiva: a escrita dos significados sobre a eternização do amor se servindo das escritas sobre a eternização do amor perpetuando o mito de Inês, a Rainha Póstuma.

<table>
<tr><td>1. Significante</td><td>2. Significado (conceito)</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">3. Signo (sentido)<br>I. SIGNIFICANTE (forma)</td><td>II. SIGNIFICADO (conceito)</td></tr>
<tr><td colspan="3">III. SIGNIFICAÇÃO (o próprio mito)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Sistema Semiótico Linguístico: 1. Significante, 2. Significado e 3. Signo<br>Sistema Semiótico Mítico: Todo o diagrama</td></tr>
</table>

**Diagrama I - elaborado com base em BARTHES, 1970.**

O significante, enquanto termo final do sistema linguístico, é chamado, por Barthes, de sentido, e, enquanto termo inicial do sistema mítico, é chamado de forma. O significado, tanto em um sistema como no outro, é chamado de conceito. Já o signo é chamado de significação.

### 2.1.1 A forma e o conceito

Dentro do sistema semiótico mítico, o significante apresenta-se com uma qualidade ambígua: é concomitantemente sentido e forma, pleno de um lado e vazio de outro. O que vemos como significante, no sistema mítico, é no primeiro esquema o signo pleno de sentido, tomado pela associação do significante com o significado. Ao se deslocar para o esquema mítico, o signo se esvazia do seu sistema de valores equivalentes do sistema linguístico e torna-se forma, sendo agora necessária uma nova significação para preencher a forma vazia.

Entretanto, mesmo que o sentido seja esvaziado e transformado em forma, ele não desaparece de vez, ao contrário, fica à disposição da forma para alimentá-la, "é este interessante jogo de esconde-esconde entre o sentido e a forma que define o mito." (BARTHES, 1970, p.140). Já o significado é o conceito determinado do mito, é histórico, intencional. É a sua reapresentação constante a força principal que move o mito.

### 2.1.2 A significação

*Mitologias* é um livro em que Barthes defende que mito serve a uma ideologia dominante, percebida em seus escritos como referência à (média)-burguesia. No entanto, nesta pesquisa, não entraremos nesse mérito, valendo-nos da teoria mítica barthiana apenas para sustentar nossa argumentação teórica.

Barthes (1970) entende que a significação é o próprio mito, tendo a dupla função de designar e notificar, de fazer compreender e impor. Sendo o mito um conjunto de relações entre estruturas lógicas e linguísticas que advém de um sistema anterior a si próprio, a significação nunca é arbitrária, sendo sempre motivada; é uma analogia entre sentido e forma.

O mito se apropria de uma fala, no caso desse artigo, de uma escrita e a restitui de outra forma com o compromisso de transmitir um conceito intencional, transformando a história em natureza. Transformar história em natureza: esse é o princípio do mito.

Defendemos, com base nessa teoria, que o mito de Inês, a Rainha Póstuma, existe a partir do momento em que autores como Camões, Garcia de Resende, Victor Hugo e o próprio Helder utilizam o conceito de "desvario", de "insanidade" para apropriarem-se da história contada por Fernão Lopes e subvertê-la.

## 3 CRÔNICA DE D. PEDRO I, DE FERNÃO LOPES: SISTEMA LINGUÍSTICO

A primeira concepção de crônica é a de um gênero narrativo que narrava fatos históricos em ordem cronológica. Tal definição se sustenta paralelamente à

concepção moderna (que trata de acontecimentos cotidianos), surgida a partir do século XIX.

Considerado o primeiro cronista da história portuguesa, Fernão Lopes é um marco tanto para a história quanto para a literatura dessa nação, afinal foi ele que organizou, a partir dos documentos e escrituras guardadas na Torre do Tombo, as histórias da Primeira Dinastia dos Reis de Portugal: a Dinastia de Borgonha.

Seja por suposição ou simplesmente ao acaso, Fernão Lopes adivinhou os paradigmas da história moderna: transmitir o passado à posteridade, não como um simples historiador, mas com poesia e drama. Mesmo recebendo 14 mil libras por ano e apesar de suas crônicas serem extensas e de causarem certo impacto pelo realismo dos fatos, o escrivão de D. Duarte conseguiu ter a sinceridade e a nobreza de um cronista leal da história. Alexandre Herculano o considera o Homero da grande epopeia das glórias portuguesas.

Como dito anteriormente e para efeito da argumentação, consideramos o discurso do cronista como sendo a narrativa histórica da criação, que nos conta algo que não existia, mas passou a ser no momento em que o autor escreveu sobre o assunto. Nesse caso, a fala (o discurso do autor), ou seja, o significante do nosso primeiro sistema semiótico (o sistema linguístico, que servirá de base para a construção do sistema mítico) são as imagens gráficas que nos narram a história de amor e todos os fatos insanos, cruéis, sangrentos, tristes e esdrúxulos relacionados a esse amor.

Ainda infante e casado, D. Pedro se enamora de D. Inês de Castro e foi um amor tão grande que nunca se viu assim tão verdadeiro.

> Este verdadeiro amor houve el-rei Dom Pedro a Dona Enez, como se della namorou, seemdo casado e aimda Iffamte, de guisa que pero dela no começo perdesse vista e falla, seemndo alomgado, como ouvistes, que he o prinçipal aazo de se perder o amor, numca çessava de lhe emviar recados, como em seu logar teemdes ouvido (LOPES, 1977, p.199).

Mas tão sublime amor não pode ser vivido em sua plenitude, pois o rei de Portugal, na época, D. Afonso IV, o pai do então infante D. Pedro, manda três de seus conselheiros assassinarem Inês de Castro.

> Já teemdes ouvido compridamente hu fallamos da morte de D. Enes, a razom por que a elRei Dom Affonsso matou, e o grande desvairo que amtrelle elle e este rei Dom Pedro seemdo estomçe Iffammte ouve por este aazo (LOPES, 1977, p.125).

> Omde assi aveo segumdo dissemos, que na morte de Dona Enes, que elRei Dom Affonsso, padre delRei Dom Pedro de Purtugal seemdo entom Iffamte, mandou matar em Coimbra, forom mui culpados pello Iffamte Diego Lopez Pacheco, e Pero Coelho, e Alvoro Gomçallves seu meirinho moor [...] (LOPES, 1977, p.141).

Durante os dez anos em que D. Pedro I, o rei justo e cruel, governou Portugal, muitas foram suas boas, más, lúcidas, insanas, cruéis e/ou justas ações, dentre as quais destacamos a vingança dos algozes de sua querida Inês com requintes de crueldade. É importante ressaltar ainda outra ação, significativa para este trabalho por estabelecer tanto o conceito de nosso sistema linguístico, quanto a relação entre o primeiro sistema semiótico e o sistema mítico: nem mesmo a morte de Inês impediu D. Pedro, num ato de insanidade ou "grande desvario", como denomina Fernão Lopes, de desenterrar Inês de seu túmulo em Coimbra, caminhar 17 léguas num cortejo, honrá-la, coroando-a rainha de Portugal e enterrá-la no mosteiro de Alcobaça, em um grande e imponente monumento, construído especialmente para ela.

> E seemdo nembrado de lhe homrar seus ossos, pois lhe ja mais fazer nom podia, mandou fazer huum muimento dalva pedra, todo mui sotillilmente obrado, poemdo emlevada sobre a campãa de çima a imagem della, com coroa na cabeça, como se fora rainha; e este muimento mandou poer no mosteiro DAlcobaça, nom aa emtrada hu jazem os Reis, mas demtro na egreja ha maão dereita, açerca da capella moor. E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Samta Clara de Coimbra, hu jazia, ho mais homrradamente que se fazer pode, ca ella viinha em huumas andas, muito bem corregidas pera tal tempo, as quaes tragiam gramdes cavalleiros, acompanhadas de gramdes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e domzellas e muita clerezia. Pelo caminho estavom muitos homeens com çirios nas maãos, de tal guisa hordenados, que sempre o seu corpo foi per todo o caminho per antre çirios açesos; e assi chegarom ataa o dito moesteiro, que eram dalli dezassete legoas, omde com muitas missas e gram solenidade foi posto em aquel muimento: e foi esta a mais homrrada trelladaçom, que ataa aquel tempo em Purtugal fora vista (LOPES, 1977, p.200).

Todo esse significante, toda essa escrita sobre os fatos de amor entre D.Pedro e D. Inês que, historicamente, não existiam antes de serem narrados pelo cronista da corte de D. Duarte, significa o desvario, a insanidade de D. Pedro ao perder a amada.

No nosso estudo, a associação entre as imagens gráficas e o desvario de D. Pedro não será a impossibilidade do amor entre D. Pedro e Inês, pois afinal esse amor foi possível até mesmo após a morte de um dos amantes; na verdade, a associação é a eternização desse amor.

Esse signo está justificado pelo fato de D. Pedro ter mandado construir outro grande e imponente monumento para si, junto ao de Inês. Assim, quando acordassem na eternidade, encontrar-se-iam e viveriam esse amor para além da vida: "Semelhavelmente mandou elRei fazer outro tal muimento, e tam bem obrado pera si, e fezeo poerr açerca do seu della pera quamdo se aqueeçesse de morrer o deitarem em elle" (LOPES, 1977, p.201).

Preenchendo o primeiro sistema semiótico da teoria de Barthes, temos:

| **Significante** | **Significado (Conceito)** | **Signo (sentido)** |
|---|---|---|
| Imagens gráficas – *Crônoca de D. Pedro I* | Desvario, insanidade | A eternização do amor |

**Diagrama II - elaborado com base em BARTHES, 1970.**

É a partir desse último elemento, o signo, repleto de sentido, que se erguerá o termo inicial do sistema mítico: a forma, já esvaziada de sentido e pronta para receber nova significação.

## 4 *TEOREMA*, DE HERBERTO HELDER: sistema mítico

Para o teórico Roland Barthes, mito é uma construção semiótica coletiva. É necessário que outro venha preencher de significações o sentido apropriado do sistema

linguístico inicial. Barthes teoriza que mito é uma fala, o discurso de uma história real formado por um tema criado em um determinado sistema semiótico anterior a ele.

Consideramos os fatos inclusos na *Crônica de D. Pedro I* como sendo a história verdadeira, contada por Fernão Lopes e baseada em documentos reais: "Pois deste Rei achamos escripto que era muito amado de seu poboo [...]" (LOPES, s/d, p.19).

> [...] davorreçer escambo, que este ano antre os Reis de Purtugal e Castella foi feito; em tanto que posto que escripto achemos delRei de Purtugal que a toda a gente era manteedor de verdade, nossa teemçom he nom o louvar mais; pois contra seu juramento foi consemtidor em tam fea cousa como esta (LOPES, 1977, p.141).

Dessas imagens gráficas que compõem o discurso, dissociamos o sentido principal dessa surpreendente e trágica história: a eternização do amor. Tornado forma, o signo, o sentido, a eternização do amor precisam de novas significações. Para isso inúmeros autores uniram a esse elemento vazio o já existente histórico e intencional conceito: o significado. O desvario e a insanidade de D. Pedro, unidos à nova significação dada pelo artista, preencherão a forma esvaziada de sentido e alimentarão a permanência do mito de Inês, a Rainha Póstuma.

A história do amor de D. Pedro I e Inês de Castro foi contada durante toda a história da humanidade: de Garcia de Resende em seu *Cancioneiro Geral* até a literatura contemporânea com Herberto Helder - cada qual utilizou o conceito de "desvario" para criar novas significações e preencher de sentido a forma de amor eterno, alimentando, cativando, cultivando, solidificando a permanência do mito de Inês de Castro.

Diferentemente de Fernão Lopes, Herberto Helder não tem nenhuma preocupação com a ordem cronológica e histórica dos fatos. Sua intenção é se apropriar da forma vazia de amor eterno, do conceito de "desvario" de D. Pedro e das significações de outros autores para atribuir a sua significação a essa história. É, talvez, a única narrativa que, além de se apropriar do sentido do mito, se apropria com mais voracidade do conceito de "insano" e "delirante".

É o próprio algoz que narra sua execução, mesmo após o punhal cravado em seu peito, seu coração arrancado e trincado por D. Pedro. Imagem que nos remete ao

grande desvario do rei de Portugal em desenterrar Inês, andar 17 léguas e coroá-la morta. Essa característica surreal presente nas duas obras afirma ainda mais o conceito de insanidade e de desvario desse mito: "[...] Foi o punhal que entrou na carne e me cortou algumas costelas [...] e vejo meu coração nas mãos de um carrasco [...] Tombei com a face direita sobre a calçada e, movendo os olhos... [...]" (HELDER, 1997, p.121).

Mesmo sem (o) coração, afinal ele é o assassino de D. Inês, Pero Coelho narra todo o conto. Para além do surreal, Herberto Helder, com brilhantismo, através do narrador assassino da amante preferida do rei, justifica nesse conto a permanência de Inês, a rainha póstuma como um mito que "tomou conta das nossas almas." (HELDER, 1997, p.121)

Em *Teorema*, a forma do mito está novamente preenchida de significação, a eternização desse amor só foi possível porque Inês foi assassinada: "[...] Matei-a para salvar o amor do rei [...]" (HELDER, 1997, p.118) e o narrador destaca ainda: "Senhor – digo eu – agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso para que o teu amor se salvasse" (HELDER, 1997, p.118).

A construção do mito se dá através da "insanidade" e do "desvario" de D. Pedro: "o que esse homem trabalhou pela nossa obra! Fez transportar o cadáver da amante de uma ponta à outra do país, às costas do povo, entre tochas e cânticos. Foi um espetáculo sinistro e exaltante através de cidades, vilas e lugarejos" (HELDER, 1997, p.118).

A obra dos assassinos foi justamente salvar o amor do rei para a posteridade, que todos soubessem que D. Pedro e Inês se amaram intensamente, mas não puderam viver plenamente esse amor em vida, deixando para a eternidade tal possibilidade.

Concluímos assim o sistema mítico, cujo diagrama é:

| | **Significante (forma)** | **Significado (conceito)** |
|---|---|---|
| | A eternização do amor | Desvario, insanidade |
| Significação: o mito | Inês de Castro, a Rainha Póstuma | |

**Diagrama III - elaborado com base em BARTHES, 1970.**

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao preenchermos, capítulo a capítulo, o diagrama proposto por Barthes, em seu livro *Mitologias,* fomos tecendo um teorema que justifica a permanência de Inês de Castro como a Rainha Póstuma.

Para fins de conclusão, temos, então, o seguinte diagrama:

<table>
<tr><td>1. Significante<br>Imagens gráficas – Crônica de D. Pedro I</td><td>2. Significado (conceito)<br>Desvario e insanidade de D. Pedro I</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">3. Signo (sentido pleno) – eternização do amor<br>I. SIGNIFICANTE (forma vazia) – eternização do amor</td><td>II. SIGNIFICADO (conceito)<br>Desvario e insanidade de D. PedroI</td></tr>
<tr><td colspan="3">III. SIGNIFICAÇÃO (o próprio mito) – Inês de Castro, a Rainha Póstuma</td></tr>
<tr><td colspan="3">LEGENDAS<br>Sistema Linguístico:<br>1. Significante: imagens gráficas;<br>2. Significado (conceito): desvario e insanidade de Pedro I;<br>3. Signo (sentido pleno) – eternização do amor<br><br>Sistema Mítico: todo o diagrama.</td></tr>
</table>

A categoria Significante I foi preenchida com a criação literária; o conto foi a maneira como Herberto Helder possibilitou-nos perceber como se constrói a permanência de um mito. Ao "ficcionalizar" a história, o autor preenche de sentido a forma vazia. Como revela ter matado por amor do amor (para salvar o amor do rei), um dos assassinos de Inês afirma a voluntariedade que existiu em eternizar a história de amor de D. Pedro e Inês de Castro.

A insanidade, o desvario de D. Pedro é apresentado no conto *Teorema* como a força motriz do mito quando o narrador expressa: "O que esse homem trabalhou pela

nossa obra!" (HELDER, 1997, p.118). É o próprio amante ferido que trabalha em prol da obra dos assassinos, o grande desvario de transportar Inês por 17 léguas e coroá-la morta é a força motriz do mito de Inês de Castro.

Dessa forma, o texto literário justifica a construção motivada e coletiva do mito, em que se esvazia o sentido primeiro abstraído da crônica de Fernão Lopes: a eternização do amor e todos os elementos históricos que construíram esse sentido. Vazio, porém não destruído, pois é esse sentido primeiro que ressuscitará cotidianamente, no conto de Helder ou em qualquer outra criação literária, a rainha póstuma, aquela que "entra nas vozes, nos lugares..." (HELDER, 1997, p.121).

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9ª ed. São Paulo: Bertand Brasil/DIFEL, 1970.

GOBBI, Márcia V. Zamboni. Teorema e o impudor da escrita. In: **Literatura portuguesa Aquém-mar**. Annie Gisele Fernandes; Paulo Motta Oliveira (orgs.). Campinas. Ed. Komedi, 2005.

HELDER, Herberto. **Os passos em volta**. 7ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

JACOTO, Lilian. A paixão de Pedro e Inês: o clássico e o surreal. In: *Inês* **de Castro: a época e a memória.** Ana Paula Torres Megiani e Jorge Pereira de Sampaio (orgs.). São Paulo: Alameda, 2008.

LOPES, Fernão. **Crônica de D. Pedro I.** Lisboa: Livros Horizonte, 1977.